

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 49, n. 1, janeiro-junho 2019: e33878

 <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2019.1.33878>

500 ANOS DA REFORMA LUTERANA – HERANÇAS E DESAFIOS

Solus Christus diante do ecumenismo e do diálogo inter-religioso

Solus Christus in Face of Ecumenism and Inter-Religious Dialogue

Rudolf von Sinner 

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

RESUMO

O *solus Christus* é o princípio que norteia todos os demais: a teologia da Reforma é cristocêntrica. Para as pessoas cristãs, a revelação de Deus e o acesso a Deus passam pela encarnação em Jesus de Nazaré, o Cristo, o Filho de Deus conforme a compreensão da tradição cristã. Isso coloca a fé cristã e a teologia que sobre ela reflete em curso de conflito com o estrito monoteísmo de muçulmanos e judeus, por um lado, e com a devoção mariana católica, por outra, ao defender a unicidade do Cristo como salvador. Essa questão é objeto de diálogo ecumênico e inter-religioso e foi razão de forte polêmica na época de Lutero. O presente artigo procura apresentar de forma diferenciada a posição de Lutero em relação ao islamismo, ao judaísmo e a Maria, defendendo não poder tratar-se, hoje, de um diálogo com posições fechadas – mas tampouco de um diálogo sem posição: para quem confessa a fé cristã, é por meio do Cristo que Deus salva, doa-se e relaciona-se conosco.

Palavras-chave: Cristologia. Trindade. Martin Lutero. Ecumenismo. Diálogo inter-religioso.

ABSTRACT

The *solus Christus* is the principle that guides the others: The theology of the Reformation is Christ-centered. For Christians, God's revelation and our access to God passes through Jesus of Nazareth as the Christ, the incarnate, crucified and resurrected Son of God, according to the comprehension of the Christian tradition. This puts the Christian faith and theology that reflects on it in conflict with the strict monotheism of Muslims and Jews, on the one hand, and with Catholic Marian devotion, on the other, on defending the uniqueness of Christ as savior. This issue is the object of ecumenical and inter-religious dialogue and was a reason for strong polemics in Luther's time. The present article seeks to present Luther's position as to Islam, Judaism, and Maria in a differentiated way and defends that this cannot be, today, a dialogue with closed positions – but also not without a position: for whomever confesses the Christian faith, it is through Christ that God saves, gives Godself as a gift and relates Godself with us.

Keywords: Christology. Trinity. Martin Luther. Ecumenism. Inter-religious Dialogue.



INTRODUÇÃO

Há um quarto de século presenciei uma discussão, em um círculo de trabalho ecumênico, em torno da pergunta que foi, de forma contundente, formulada por Reinhold Bernhardt, hoje professor titular na cátedra outrora ocupada por Karl Barth na Universidade da Basileia: “Precisamos de um desarmamento cristológico para nos tornarmos capazes de um diálogo inter-religioso?”¹. Tal pergunta parece chocar-se diretamente com a centralidade de Cristo afirmada por luteranos e também por católicos, mesmo que com desdobramentos um tanto diferentes, por exemplo, em relação à eclesiologia ou à mariologia. Interessantemente, Lutero não chegou a escrever um tratado específico a respeito de Cristo. No entanto, não há dúvida de que o Cristo seja a sua referência central sempre, o “coração de sua teologia”², a chave hermenêutica de sua interpretação da Escritura: “Resumindo, o evangelho é um arrazoado a respeito de Cristo, de que ele se tornou Filho de Deus e pessoa humana para nós, tendo morrido e ressuscitado e sido instituído como Senhor sobre todas as coisas”³. É, com direito, famoso o seu enunciado, na introdução às Cartas de Tiago e Judas:

nesse ponto todos os livros corretos concordam: que todos pregam e promovem Cristo. [...]. O que não ensina Cristo não é apostólico, mesmo que S. Pedro ou Paulo o ensinem. Por outro lado, o que prega a Cristo seria apostólico, mesmo que fosse feito por Judas, Anás, Pilatos e Herodes⁴.

Nesse sentido, não há uma simples justaposição das *particulae exclusivae*, dos tradicionalmente assim formuladas quatro “sola” – *solus Christus, sola fide, sola gratia* e *sola Scriptura* –, mas todas têm o seu centro no *solus Christus*⁵. O próprio Cristo é o verbo, o *logos*, a palavra de Deus. A *Escritura* é Evangelho na medida em que remete ao Cristo. A *graça* de Deus se evidencia na encarnação, na morte e na ressurreição de Cristo. Na *fé*, estabelece-se uma relação com o Cristo. No prefácio ao seu comentário à Epístola aos Gálatas (1535), compilado por alunos seus, Lutero ressalta que “no meu coração reina este único artigo, a saber, a fé em Cristo [*unus regnat articulus, scilicet fides Christi*], da qual, pela qual e na qual todas as minhas reflexões teológicas fluem e refluem dia e noite”⁶.

Lutero, naturalmente, tinha consciência de que a centralidade e a unicidade de Cristo como Filho de Deus era polêmica em relação ao judaísmo e ao islamismo – e, de outra forma, também quanto à devoção mariana. Já Paulo constatava que “tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (*I Cor* 1,22-24). Sendo assim, surge a pergunta, se o destaque dado ao Cristo e à sua unicidade, típica para o cristianismo, seria um definitivo obstáculo para um diálogo ecumênico e inter-religioso. A pergunta será aqui abordada em quatro etapas: primeiramente, apresentar-se-á a postura de Lutero em relação aos muçulmanos e aos

¹ BERNHARDT, R. Desabsolutierung der Christologie?, p. 184-200: “Müssen wir christologisch abrüsten, um interreligiös dialogfähig zu werden?”.

² NÜSSEL, Friederike. Christologie, p. 143, também p. 143-147.

³ LUTERO, M. Breve instrução sobre o que se deve procurar nos Evangelhos e o que esperar deles [1522], p. 171-176.

⁴ LUTERO, M. Prefácio às Epístolas de S. Tiago e Judas [1546], p. 154, também p. 153-155.

⁵ Para uma introdução acessível e contextualizada a um público amplo, cf. DREHER, M. N.; RIETH, R. W.; WACHHOLZ, W. *Somente Deus: Quatro princípios para a vida*, 2009.

⁶ LUTERO, M. Comentário da Epístola aos Gálatas [1535], p. 22s. As preleções, anotadas por Jorge Röer, Caspar Cruciger e Veit Dietrich, e reconhecidas por Lutero, foram proferidas de julho a dezembro de 1531.

entraves entre cristianismo e islamismo com respeito à cristologia e, com isso, à teologia trinitária. O mesmo será feito em relação aos judeus, na seção seguinte. A terceira seção formula uma abordagem trinitária do Cristo que salva, se doa e se relaciona conosco e tocará também brevemente a importância de Maria em uma visão luterana. Entendo que o enfoque aqui proposto não abre mão da centralidade do Cristo e do Deus triunfo, mas justamente, a partir disso, abre espaço para um engajamento dialógico frutífero.

1 LUTERO, O CRISTO E OS MUÇULMANOS

O Alcorão demonstra muito apreço por Jesus (*Īsā*) – 19 das 114 Suras (especialmente Suras 3, 5, e 19) o mencionam, em um total de 120 versículos⁷. O profeta Muhammad teve contato com cristãos e foi por eles informado, oralmente (não existia ainda Bíblia em árabe), de Jesus e da fé cristã. Foram especialmente judeu-cristãos árabes aqueles com quem teve contato. Como esses se chamavam “nazarenos”, o Alcorão também chama os cristãos de *al-nāsārā*. O Islã reconhece judeus e cristãos como *ahl al-kitāb*, “povo do livro”, que receberam revelações de Deus tal como Muhammad também recebeu. Jesus é chamado, entre outros, de “palavra de Deus” (*kalima min Allāh*) e “espírito de Deus” (*rūh min Allāh*), também “Jesus, filho de Maria” (*Īsā bin Maryam*) e, na fase de Medina (após o ano de 622, quando Muhammad foi expulso de Meca), “o messias” (*al-masīh*)⁸. Contudo, “Messias” se refere no Alcorão e no Islã apenas a um ser humano, não divino, que é visto como *peregrino* (talvez oriundo de *sāha*, “caminhar”, “viajar”; cf. *Mt* 8,20); como *curandeiro* (de *masaha*, “tocar”, “ungir”); como um ser humano *sem pecado*, do qual foi purificado; e como *abençoado* por Deus (*mubārāk*). Nota-se também que Maria, mãe de Jesus, tem proeminência no Alcorão, uma vez que é a única mulher a ser mencionada com nome. Ao mesmo tempo, ela nunca aparece sozinha, mas sempre em conexão com Jesus⁹. Enquanto há, portanto, lugar proeminente para Jesus e Maria, há clara rejeição de qualquer tentativa de ver Jesus como divino, como filho de Deus. A Sura 4,171 do Alcorão (*al-qur’ān*, “recitação”, “o que deve ser lido”) convoca os cristãos a abdicar daquilo que considera blasfêmia:

Ó seguidores do Livro! Não vos excedais em vossa religião, e não digais acerca de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria não é senão o Mensageiro de Allah e Seu Verbo, que Ele lançou a Maria, e espírito vindo dEle. Então, crede em Allah e em Seus Mensageiros, e não digais: “Trindade”. Abstende-vos de dizê-lo: é-vos melhor. Apenas, Allah é Deus Único. Glorificado seja! Como teria Ele um filho?! Dele é o que há nos céus e o que há na terra. E basta Allah por Patrono!¹⁰.

Ao perceber essa clara rejeição da “Trindade”, surge a pergunta sobre o que o Alcorão entendeu, exatamente, por esse termo. Mostra-se que não é a Trindade de Pai, Filho e Espírito Santo, mas uma pequena família divina, uma tríade (*tathlīth*) entre Deus-Pai, Maria, a sua consorte divina, e Jesus como filho desse casal, como se expressa em Sura 5,116, escrita pouco antes da morte de Muhammad:

⁷ BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias: Jesus im Koran*, p. 1. No que segue sobre Jesus e Maria no Alcorão, apoio-me principalmente nesta obra.

⁸ Oito vezes aparece “o messias Jesus, filho de Maria” (*al-masīh Īsā bin Maryam*), nas seguintes Suras: 3,45; 4,157.171; 5,17 (duas vezes); 5,72.75 e 931; BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias*, p. 10, 22.

⁹ BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias*, p. 22s.

¹⁰ O NOBRE ALCORÃO, com a tradução do seu sentido para a língua portuguesa. Tradução de Helmi Nasr (USP). Medina: Complexo do Rei Fahd para a impressão do Alcorão Nobre, s.d. Todas as citações do Alcorão são dessa edição bilíngue, indicando apenas o número e o(s) versículo(s) da respectiva Sura no texto principal.

E lembra-lhes de quando Allah dirá: “Ó Jesus, filho de Maria! Disseste tu aos homens: ‘Tomai-me e a minha mãe por dois deuses, além de Allah?’” Ele dirá: “Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que me não é de direito. Se o houvesse dito, com efeito, Tu o haverias sabido. Tu sabes o que há em mim, e não sei o que há em Ti. Por certo, Tu, Tu és O Profundo sabedor das cousas invisíveis.

Martin Bauschke, em seu livro sobre Jesus, filho de Maria, no Alcorão, lembra que houve, à época, um debate triteístico no cristianismo do Antigo Oriente, mais especificamente entre grupos não calcedonenses. João Filopono († ca. 575) – condenado 100 anos após a sua morte como herege – pôde falar assim em sua obra *Da Trindade*: “Assim, um é Deus Pai, outro Deus Filho e outro Deus Espírito Santo”, dando a entender tratar-se de três Deuses¹¹. A ideia de que Maria seria parte dessa percepção triteísta existia na religiosidade popular e em algumas seitas, como a dos “marianitas”. Conforme Eutychius, patriarca de Alexandria († 944), esses teriam enviado delegados ao Concílio de Nicéia “que afirmaram que o Cristo e mesmo Maria seriam dois deuses ao lado de Deus”¹². Na Kaaba em Meca, existia, à época de Muhammad, uma estátua de Maria com o seu filho. É possível que a rejeição da divinização de Maria no Alcorão reflita a posição nestoriana, que preferiu o título de *christotokos* (quem deu à luz o Cristo) em vez de *theotokos* (quem deu à luz Deus), justamente para evitar, por um lado, qualquer divinização de Maria e, por outro, na linha da cristologia de Antioquia, para insistir na natureza humana do Cristo¹³. Jesus é, conforme o Alcorão, um “servo” de Deus (*abd Allāh*) como todo ser humano. Ressalta-se que ele come e bebe como todo ser humano. Ao mesmo tempo, Deus não precisa ninguém do lado dele, pois é onipotente. Nessa posição, o Islã lembra Ário († 336), condenado pela igreja porque insistiu na subordinação de Jesus sob Deus, sendo desigual quanto à essência e à característica de Deus (*anhómioios kata panta tēs tou patròs ousías kai idiótetos*)¹⁴.

De qualquer forma, o Islã sempre insistiu na unicidade de Deus (*tawhīd*), conforme reza a (antiga) Sura 112: “Dize: ‘Ele é Allah, Único. Allah é o Solicitado. Não gerou e não foi gerado. E não há ninguém igual a Ele’”. Refletem-se nessa formulação claramente afirmações do credo oriundo dos Concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381), que são refutadas na Sura citada: “Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus [...], Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai”. Portanto, o livro sagrado do Islã é inequívoco ao rejeitar a Trindade e considerar como *shirk* a “associação” de alguém ao Deus único, sobre os quais se diz, de forma forte: “Por certo, Allah não perdoa que Lhe associem outra divindade, e perdoa tudo o que for, afora isso, a quem quer. E quem a associa a Allah, com efeito, forjará formidável pecado” (Sura 4,48)¹⁵.

Lutero, por sua vez, refletiu bastante sobre a resistência dos muçulmanos contra a Trindade¹⁶. O Cristo, para ele, não pode ser compreendido fora da Trindade, em sua

¹¹ *Apud* BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias*, p. 102.

¹² BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias*, p. 104: “[...] welche bekräftigten, dass Christus und selbst Maria zwei Götter neben Gott seien”. O autor cita também o texto original em latim: “[...] qui affirmarent Christum et Matrem ipsius duos esse deos praeter Deum” (Migne, PG, vol. 111, p. 1005, 440 C).

¹³ BAUSCHKE, M. *Der Sohn Marias*, p. 106.

¹⁴ *Apud* BAUSCHKE, M. *Der Sohn Maria*, p. 93s.

¹⁵ Cf. SOUZA, J. C. de. O outro Jesus Muçulmano. Algumas notas a propósito do livro “*O Jesus Muçulmano*”, de Tarif Khalidi, p. 65-82, com indicações de referências no Corão e na literatura (cf. também KHALIDI, T. (org.). *O Jesus Muçulmano: Provérbios e histórias na literatura islâmica*, 2001). Em sua obra, Khalidi coleta referências a Jesus na literatura islâmica árabe desde o Alcorão até o século 18, no que denomina de “evangelho muçulmano”. Souza ressalta que o Jesus conhecido pelos árabes era o da literatura apócrifa e o da literatura síriaca, copta e egípcia.

¹⁶ Cf. EHMANN, J. “Seditio ad dexteram?”. A apologética anti-islâmica trinitário-cristológica de Lutero, p. 22-45; EHMANN, J. *Luther, Türken und Islam: Eine Untersuchung zum Türken- und Islambild Martin Luthers (1515-1546)*, 2015.

relação com Deus o Pai e com o Espírito Santo, que estão, como enfatiza Christoph Schwöbel, em eterna conversa que se estende aos seres humanos¹⁷. Lutero chegou a traduzir e comentar a refutação do Alcorão pelo frade dominicano Ricoldo de Monte Croce (1300) e apoiou e prefaciou a edição alemã do Alcorão, publicada na Basileia (Suíça)¹⁸. Lutero insiste que o Deus triuno não é três deuses, mas um só Deus. Externamente, sempre há uma só obra de Deus, na linha do princípio destacado por Agostinho: “opera Trinitatis ad extra sunt indivisa”¹⁹. Mesmo que a criação, a justificação e a santificação sejam atribuídas, respectivamente, a uma pessoa específica da Trindade, Deus já desde sempre está presente enquanto triuno, e a distinção é interna. Importa que Lutero não só insistiu na experiência nossa da Trindade econômica (“externa”, para Lutero), mas também na reflexão sobre a Trindade imanente (“interna”), não apenas no Deus “para mim”, mas também “Deus por Deus”, tendo desenvolvida uma doutrina trinitária mais encorpada do que se costumava enxergar²⁰. O ecumenista católico Yves Congar chegou a afirmar que “Lutero não é um homem para o mistério da Trindade”²¹. Pelo contrário, contudo, mais recentemente está sendo reconhecida a centralidade da Trindade para a teologia de Lutero, até “servindo como centro unificador da teologia de Lutero”²². De fato, Lutero tratava da Trindade desde os seus comentários à obra *De Trinitate*, de Agostinho, e às *Sententiae* de Pedro Lombardo, de 1509, bem como em sua exegese do Credo, nos Catecismos de 1529, fazendo da tradicional repartição em doze enunciados os hoje clássicos três artigos conforme as pessoas da Trindade. Lutero tratou mais explicitamente da doutrina em seu *Sermão para a Festa da Trindade*, de 1537, em *Dos Concílios e da Igreja*, de 1539, e em suas *Preleções acerca do Gênesis* (1535-1545). Mesmo reconhecendo que o termo “trindade” era um tanto esquisito e não ocorria na Bíblia, constatou que “ita tres personae et unus Deus in scriptura clarissime probantur” – “que [a existência] de três pessoas e um [só] Deus está claramente provado na Escritura”²³.

Em relação aos “turcos”, termo que se refere aos turcos do Império Otomano, mas também funciona como *pars pro toto* para os muçulmanos, é claro que Lutero tinha objetivo apologético. Também tinha a preocupação concreta de proteger os cristãos diante dos reais turcos que estavam às portas da Europa, chegando até Viena em 1529 e novamente em 1541, anos nos quais, diante do perigo iminente, Lutero escrevera a respeito, também para se defender das acusações de que ele teria sido responsável pelos fracassos na guerra contra os turcos, como na derrota dos húngaros em Mohács, em 1526²⁴. Descreveu “o turco” como “vara irada de nosso Senhor Deus e servo raivoso do diabo”²⁵. Como os “turcos” conseguem fazer isso apenas com o apoio do diabo e do próprio Deus, devem ser combatidos pelo “senhor Cristiano, ou seja, o grupo dos piedosos, santos e caros cristãos. [...] Pois se antes de tudo não for derrotado o deus

¹⁷SCHWÖBEL, Ch. *Gott im Gespräch: Studien zur theologischen Gegenwartsdeutung*, 2011.

¹⁸LUTHER, M. Verlegung des Alcoran Bruder Richardi, Prediger Ordens [1542], WA 53, 261-396; LUTHER, M. Vorrede zu Theodor Biblianders Koranausgabe [1543], WA 53, 561-572. Como é comum na comunidade acadêmica mundial, cito as obras de Lutero na língua original, conforme a “Edição Weimariana” (Weimarer Ausgabe, WA): LUTHER, M. *Martin Luther Werke*, kritische Gesamtausgabe, Weimar: H. Böhlau Nachfolger, 1883ss.

¹⁹AUGUSTINUS, Aurelius. *De Trinitate* I, 4. Não emergiu ainda minha edição em pt.; assim não consigo conferir.

²⁰Cf. HELMER, Christine. God from Eternity to Eternity: Luther’s Trinitarian Understanding, p. 127-146.

²¹*Apud* FREY, Rebecca. The Gifts of God for the People of God: Luther’s Doctrine of the Trinity, p. 27.

²²GREGERSEN, N. *et alii* (eds.). *The Gift of Grace: The Future of Lutheran Theology*, p. 9: “[...] serves as the unifying center of Luther’s theology”. Retomo aqui elementos publicados in: SINNER, R. v. Trinity, p. 772-774.

²³WA 39/2, 305, 9-10.

²⁴LUTERO, M. Da guerra contra os turcos [1529], p. 410-455; LUTERO, M. Exortação à oração contra os turcos, p. 446-465. Já na bula que ameaçara Lutero de excomunhão, do Papa Leão X, intitulada *Exsurge Domine*, de 15 de junho de 1520, refuta-se a afirmação de Lutero de que “proeliari adversus Turcas est repugnare Deo visitanti iniquitates nostrae” (“investir em guerra contra os turcos é resistir a Deus quem pune [por meio deles] nossas iniquidades”); cf. SMITH, R. O. Prophecy, the Pope, and the Turk: Luther’s Pastoral Apocalyptic, p. 7-18.

²⁵LUTERO, M. Da guerra contra os turcos, p. 418.

dos turcos (que é o diabo), não será tão fácil derrotar o turco”²⁶. Pela fé ele precisa ser derrotado, não são suficientes – embora necessárias em defesa (não em cruzada), por parte das autoridades políticas e com apoio dos cristãos enquanto cidadãos – as armas. Vemos, aqui, como se junta a percebida ameaça religiosa com a ameaça concreta das tropas turcas investindo contra a Europa, e Lutero insiste que a guerra religiosa não se pode travar com armas.

Por outro lado, Lutero podia valorizar o que havia de forte na religião muçulmana, conforme escreve em seu *Prefácio ao tratado sobre a religião e os costumes dos turcos*, de 1530:

Vemos que a religião dos turcos é bem mais esplêndida em cerimônias – e, eu quase diria, em costumes – do que a nossa, mesmo incluindo a dos religiosos e todos os clérigos. A modéstia e a simplicidade da comida deles, bem como de sua roupa, residência e tudo o mais, assim como os jejuns, as orações e reuniões comuns que esse livro revela não são vistos em parte alguma entre nós – ou melhor, é impossível que nosso povo seja persuadido a fazer isso. [...]. Nossos religiosos são meras sombras em comparação com eles, e nosso povo é claramente profano em comparação com o deles²⁷.

Lutero entendeu que o Islã acredita na justificação pelas obras e rejeita as duas naturezas de Cristo. Via uma batalha espiritual escatológica sendo travada, recorrendo, entre outros, à visão de Daniel, interpretando o chifre pequeno como a origem do islamismo (*Dn 7,20*). Para Lutero, “tal como o papa é o anticristo, assim o turco é o diabo em pessoa. Contra ambos vai nossa oração e da cristandade: que eles desçam ao inferno e que tal ocorra já no dia derradeiro, o qual (espero) não demorará”²⁸.

Mesmo diante de tais taxações apocalípticas, Lutero demonstra um pressuposto importante de qualquer diálogo: afirmar aberta e claramente o que é comum, isto é, o Deus uno, e o que é diferente, a saber, o Deus uno enquanto triunfo e encarnado em Jesus Cristo. Enquanto a crença no Deus triunfo pode ser um elemento difícil no diálogo inter-religioso, especialmente com as grandes religiões monoteístas, não é solução abandoná-la – para utilizar a terminologia de Bernhardt, “desarmando-se” cristologicamente, ou então trinitariamente –, embora certamente tal crença não deva ser utilizada como “arma”. Tampouco é solução esconder a Trindade, chegando-se a alegar que, afinal, nem entre os cristãos entender-se-ia direito o que seria a Trindade. Lutero explicou em seu tempo e do seu modo o sentido da Trindade. Nós precisamos fazê-lo, hoje, de outros modos em outro contexto, de profundo pluralismo religioso. Retomarei isso na Seção 3.

2 LUTERO, O CRISTO E OS JUDEUS

Em relação aos judeus, a coisa só piora, infelizmente, no que tange a Lutero. Pelo que apurou Thomas Kaufmann, Lutero não tinha muito contato direto com judeus²⁹. Isso difere de outros reformadores, como Martin Bucer³⁰. Os judeus, por sua vez, ao saberem do jovem rebelde Lutero, parecem ter tido esperanças de que ele apoiaria a sua causa. Em seus comentários aos Salmos (*Dictata super Psalterium*, 1513-1515),

²⁶LUTERO, M. Da guerra contra os turcos, p. 418.

²⁷WA 30/2, 205-208, *apud* YOUNAN, M. A. Para além de Lutero: diálogo inter-religioso profético pela vida, p. 71.

²⁸LUTERO, M. Da guerra contra os turcos, p. 426.

²⁹KAUFMANN, Th. *Luthers Juden*, 2015, p. 33.

³⁰Cf. HASSELHOFF, G. K. Martin Bucer e os judeus, p. 60-78.

Lutero escreve vários enunciados duros contra os judeus, que, de várias maneiras, teriam crucificado o Cristo e gostariam de esquarterar os cristãos, como se fossem (os judeus) animais selvagens. Como a leitura cristológica também do Antigo Testamento é central para Lutero, pôde identificar os “inimigos” mencionados nos Salmos com os inimigos de Cristo e, assim, especialmente com quem rejeitava o Cristo, os judeus. Dessa forma, o Livro dos Salmos se tornou um “manual cristão de hostilidade contra os judeus”³¹. Portanto, nada positivo se nota até aqui. Em um livro posterior, no entanto, Lutero parece advogar a tolerância. Em seu escrito *Que Jesus Cristo nasceu judeu (Dass Jesus Christus ein geborener Jude sei, 1523)*³², Lutero criticou que os judeus teriam sido tratados “como cachorros e não como seres humanos”³³ e que não se deveria aplicar violência contra eles. Também com a abertura de mais profissões, para o seu exercício dever-se-ia criar um clima propício para a sua atração à fé cristã. Em seu comentário sobre o *Magnificat*, Lutero afirmou que “não deveríamos tratar os judeus com tanta aspereza; pois ainda existem futuros cristãos entre eles”³⁴. A conversão, no entanto, não deveria ser condição para a sua maior integração à sociedade. Lutero reconheceu que os judeus recorriam à Bíblia, como ele próprio, e portanto se distinguiam positivamente dos “papistas”; no entanto, criticou duramente a exegese dos rabinos como equívoca e tendo como intenção desviar o foco (correto e cristão) do Novo Testamento. Embora argumentasse pelo necessário bom conhecimento do hebraico, insistiu que se deve “procurar insistentemente o Senhor Cristo no Antigo Testamento Hebraico”³⁵.

Anos depois, porém, ao escrever *A respeito dos judeus e das suas mentiras (Von den Juden und ihren Lügen, 1543)*³⁶, frustrado pela resistência dos judeus à necessária conversão ao Cristo, pleiteou pela sua expulsão dos países cristãos da Europa. Trata-se, provavelmente, do tratado mais vergonhoso do punho de Lutero, do ponto de vista contemporâneo. Entre outras coisas, afirma:

Primeiro, tocar fogo nas sinagogas e escolas deles e enterrar e cobrir de sujeira tudo que não for queimado [...]. Em segundo lugar, aconselho que as casas deles sejam arrasadas e destruídas. [...]. Em terceiro aconselho que todos os seus livros de orações e escritos talmúdicos [...] sejam tirados deles. [...]. Quanto a vocês, meus caros cavaleiros amigos que são pastores e pregadores, quero lembrar fielmente do dever oficial de vocês, de modo que também admoestem seus paroquianos em relação ao dano eterno deles³⁷.

Mounib Younan, bispo luterano da Jordânia e da Terra Santa e vivendo no meio de judeus e muçulmanos e de todos os conflitos entre eles, vê o conjunto de ataques de Lutero a judeus, católicos, turcos ou entusiastas no contexto de sua luta contra o diabo, que o Reformador entendia estar operando através deles, em termos apocalípticos.

³¹ OSTEN-SACKEN, P. v. d. *Martin Luther und die Juden – neu untersucht anhand von Anton Margarithas, Der gantz Jüdisch glaub* (1530/31), p. 69; BARTH, H.-M. *Die Theologie Martin Luthers: Eine kritische Würdigung*, p. 49-63. Osten-Sacken homenageia o rabino Dr. Reinhold Lewin (1888–1942/43), que elaborara uma tese de doutorado sobre a “postura de Lutero em relação aos judeus”, premiada pela Faculdade de Teologia Evangélica da Universidade de Breslau (hoje Wrocław, na atual Polônia), e que foi deportado pelos nazistas com a sua família para um campo de concentração. Posteriormente, não se teve mais notícia deles. Embora não haja certamente uma linha direta de Lutero até o nazismo, e Lutero não tenha sido invocado diretamente pelos nazistas em seu processo de destruição sistemática do povo judeu, os seus escritos sobre os judeus forneceram uma base ideológica propícia para o antissemitismo, por meio do nazista Theodor Paul, “pesquisador de Lutero” (*Luther und die Juden*, 3 Vols., 1939). Cf. BARTH, H.-M. *Die Theologie Martin Luthers*, p. 49.

³² WA 11, 314-346.

³³ WA 11, 315, 3s.

³⁴ Citado conforme YOUNAN, M. A. Para além de Lutero, p. 66.

³⁵ WA 54, 74, 8-10. Tradução própria. No original, lê-se: “den Herrn Jesus Christus in dem Alten Hebräischen Testament fleißig suchen”, citado, aqui, a partir de BARTH, H.-M. *Die Theologie Martin Luthers*, p. 53.

³⁶ WA 53, 417-552.

³⁷ Citado conforme YOUNAN, M. A. Para além de Lutero, p. 66s.

Para Lutero, “toda a humanidade estava dividida entre a igreja verdadeira e a falsa”³⁸. Mesmo considerando essa postura geral de Lutero, sentindo-se na iminência do juízo final, e mesmo considerando que Lutero não tenha advogado a destruição dos judeus, mas “apenas” a sua evicção, a sua posição se constitui como legado triste e pesado. Eis, portanto, um capítulo da teologia luterana a ser totalmente reescrito, como já vem ocorrendo especialmente na Alemanha, mas também alhures³⁹. Younan, que também foi presidente da Federação Luterana Mundial, descreve iniciativas de encontro e diálogo que resultaram em afirmações como a seguinte, segundo a qual o centro da teologia luterana, a justificação por graça e fé, é contrário ao antissemitismo⁴⁰. A Igreja Evangélica Luterana nos Estados Unidos (*Evangelical Lutheran Church in America*, ELCA) fez uma “Declaração para a Comunidade Judaica”, em 1994, repudiando os enunciados antijudaicos de Lutero, declarando arrependimento pela cumplicidade cristã na violência contra judeus e comprometendo-se para uma relação com o povo judeu marcada por amor e respeito⁴¹. Para Walter Sparn, diálogo o inter-religioso e o cristocentrismo não se excluem mutuamente: “*solus Christus* é medida e expressão de uma firmeza ponderada e modesta”⁴².

Já o que foi defendido por teólogos indianos, entre outros Raimon Panikkar, de que “Jesus é o Cristo, mas Cristo não é apenas Jesus”⁴³, teria sido impossível para Lutero afirmar. Em meados dos anos 1990, essa ideia – de Panikkar *et alii* – foi explicitamente rejeitada em documento da cúria romana, invocando, aliás, “os textos neotestamentários [que] não concebem o *Logos* de Deus prescindindo de Jesus”⁴⁴. Contudo, distinguindo-se o Deus enquanto abscondido e enquanto revelado, como faz Lutero em seu debate com Erasmo sobre o livre-arbítrio ou, como afirma Lutero, sobre *a vontade cativa*, há espaço para o mistério em Deus e a possibilidade de Sua atuação fora do âmbito revelado aos que nele creem⁴⁵. Lutero nunca se arrogou de saber de tudo a respeito de Deus. Sempre há de prevalecer a vontade de Deus, e esse Deus é, para Lutero, um Deus misericordioso. Eis algumas portas de entrada para buscar ressonância entre diferentes religiões a respeito da natureza, da essência de Deus. Para finalizar, quero brevemente apresentar três elementos que me parecem centrais: Cristo é aquele que salva, Cristo é aquele que se doa e Cristo é aquele que se relaciona conosco.

³⁸ YOUNAN, M. A. Para além de Lutero, p. 67.

³⁹ Cf., por exemplo, a tese de doutorado do católico BROSEDER, J. *Luthers Stellung zu den Juden im Spiegel seiner Interpreten: Interpretation und Rezeption von Luthers Schriften und Äußerungen zum Judentum im 19. und 20. Jahrhundert vor allem im deutschsprachigen Raum*, 1972; e também a interpretação do luterano OSTEN-SACKEN, P. v. d. *Martin Luther und die Juden – neu untersucht anhand von Anton Margarithas ‚Der gantz Jüdisch glaub‘ (1530/31)*, 2002. Osten-Sacken estuda especialmente Anton Margaritha, um judeu convertido ao catolicismo, cujo escrito “A fé judaica em sua integralidade” (*Der gantz Jüdisch glaub*, 1530/31) se tornara fonte para Lutero.

⁴⁰ YOUNAN, M. A. Para além de Lutero, p. 68.

⁴¹ YOUNAN, M. A. Para além de Lutero, p. 69; EVANGELICAL LUTHERAN CHURCH IN AMERICA. *Declaration of the Evangelical Lutheran Church in America to the Jewish Community*, de 18 de abril de 1994.

⁴² Tradução própria. No original, lê-se: “*Solus Christus* ist Maß und Ausdruck einer besonnenen, bescheidenen Bestimmtheit”, citado, aqui, a partir de SPARN, W. *Solus Christus als Kanon reformatorischen Christentums*, p. 82.

⁴³ Cf. SINNER, R. v. *Confiança e convivência. Reflexões éticas e ecumênicas*, p. 87-118, especialmente p. 101ss., onde há mais indicação de literatura.

⁴⁴ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O cristianismo e as religiões*, no. 22, 1997. Disponível in: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1997_cristianesimo-religioni_po.html. Acesso em: 6 abr. 2019.

⁴⁵ Cf., por exemplo, BARTH, H.-M. *Die Theologie Martin Luthers*, p. 228, que assim afirma: “A distinção de Lutero entre Deus abscondido e revelado expressa que a fé em Deus não é autoevidente nem para cristãos [...]. A fala de Lutero do Deus abscondido mantém a pergunta por Deus aberta” (tradução própria). No original, lê-se: “Luthers Distinktion zwischen verborgenem und offenbarem Gott [bringt] zum Ausdruck, dass Gottesglaube auch für Christen keine Selbstverständlichkeit ist [...] Luthers Rede von Gott in seiner Verborgenheit hält [...] die Gottesfrage offen”. Cf. também BARTH, H.-M. *Dogmatik: Evangelischer Glaube im Kontext der Weltreligionen*, 2008, uma obra ousada, em que o autor explica posições de uma dogmática evangélica de confissão luterana tendo em vista as questões e as posições das grandes religiões mundiais. Cf. ainda, de forma resumida e programática, BARTH, H.-M.. *A teologia de Martin Lutero num contexto global*, p. 123-144.

3 O CRISTO QUE SALVA, SE DOA E SE RELACIONA CONOSCO

Nesta terceira e última Seção, pretendo apresentar três aspectos cristológicos de uma teologia cristã que oferece as suas convicções a partir do centro da fé para o diálogo de forma honesta, aberta e esperançosa: o Cristo é quem salva, quem se doa e quem se relaciona conosco⁴⁶.

Para Lutero, o Cristo é, em primeiro lugar, aquele que salva. Por isso, desde cedo, proeminentemente no Debate de Heidelberg (1518), Lutero trata do teólogo da cruz que “diz como as coisas são”, colocando a cruz como espelho da nossa realidade⁴⁷. Com honestidade, sem ilusão, é preciso admitir que, como seres humanos, estamos presos pelo pecado e necessitamos d’Aquele que, por nosso pecado, foi pregado à cruz. Só através d’Ele há salvação. Esse momento soteriológico é central na cristologia de Lutero: o Cristo que salva e que, nisso, revela a presença de Deus *pro nobis*, em prol dos seres humanos mergulhados no pecado. Nesse contexto, um dos pontos sempre de novo polêmicos entre católicos e luteranos é o papel de Maria.

Acerca de tendências históricas e atuais de fazer de Maria uma *co-redemptrix*, uma “co-redentora” junto ao Cristo, muitos teólogos católicos têm restrições, e o Concílio Vaticano II rejeitou majoritariamente formular um decreto mariano à parte, incluindo a mariologia dentro da constituição sobre a igreja (*Lumen Gentium* – LG). Em LG 60, afirma-se que existe tão somente “uma única mediação”, qual seja, a de Jesus Cristo⁴⁸. Aos luteranos a unicidade do mediador é tanto mais cara. Isso, no entanto, não quer dizer que Maria não tenha importância nenhuma para os luteranos ou que Lutero teria rejeitado Maria. Embora não exista um tratado mariológico propriamente dito na tradição protestante, uma vez que Maria aponta, nessa compreensão, sempre para o Cristo, Lutero chegou a escrever um belo comentário sobre o canto do “Magnificat”, de Maria. O principal conteúdo e contexto é uma ética política escrita a pedido do seu monarca, o Príncipe Frederico, o Sábio, da Saxônia. Várias vezes no texto, Lutero insiste que Maria se dispõe para o serviço a Deus – justamente como se espera de um monarca –, sem engrandecer-se a se própria: “Como mãe de Deus, Maria se vê elevada acima de todas as pessoas. Mesmo assim, ela continua tão simples e serena, que não teria considerado nenhuma empregada inferior a si”⁴⁹. Lutero podia chamar Maria, em reverência, de “doce mãe de Deus”.⁵⁰ Contudo, ressalta que Maria “não quer que você venha a ela, mas que você encontre Deus através dela”⁵¹. Maria não é, para Lutero, intercessora, muito menos mediadora, mas serve exemplar de Deus, que se dispôs a carregar em si a cruz e acompanhar até a cruz o salvador, em humildade e simplicidade, e nisso em grande exemplo de fé. Sobre isso a seguinte passagem não deixa dúvida:

Todos aqueles que insistentemente atribuem a Maria tanto louvor e honra e lhe impõem tudo isso não estão longe de transformá-la em ídolo, como se ela desejasse ser honrada e se devesse esperar todo o bem dela. Maria rejeita isso e quer que Deus seja honrado nela e que, por intermédio dela, todos sejam levados a confiar plenamente na graça de Deus⁵².

⁴⁶Não há espaço, aqui, para desenvolver o diálogo propriamente dito e os potenciais pontos de encontro; para tanto, cf., por exemplo, BERNHARDT, R. Teologia da trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões, p. 58-72.

⁴⁷LUTERO, M.. O Debate de Heidelberg [1518], p. 37-54. Cf. também as importantes e instigantes indagações de WESTHELLE, V. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2006.

⁴⁸MÜLLER, Alois; SATTler, Dorothea. Mariologia, p. 160.

⁴⁹LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria* [1521], p. 23; cf. RICHTER REIMER, I. *O magnificat de Maria no magnificat de Lutero*, p. 41-69.

⁵⁰LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria* [1521], p. 10.

⁵¹LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria* [1521], p. 39.

⁵²LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria* [1521], p. 39.

Nada pode nem deve, para Lutero, ofuscar o único salvador e mediador, o Cristo. Contudo, podemos aceitar e dar as boas-vindas a apoios e exemplos que nos ajudam a encontra-lo. Temos de considerar a forte devoção mariana na América Latina e o fato de que a Virgem de Guadalupe fora promovida, conscientemente, como antidoto à heresia no continente, chamada genericamente de “luteranismo” no século 16, heresia essa que já não mais podia ser contida na matéria Europa⁵³. Trata-se, portanto, de um problema mais religioso e político do que propriamente teológico – mas, como sabemos, é por aí que as resistências são as mais fortes. Vale ressaltar, também, que a devoção a Maria, mesmo em outra chave, também existe entre luteranas: desde 1947, existe uma irmandade evangélica de Maria, fundada na Alemanha, mas presente também no Brasil, em Curitiba, que se propõe, como fazia Maria, “seguir Jesus até a Cruz” e servir ao Senhor.

Um segundo aspecto a destacar é o Cristo que se doa. Deus se doa à sua criação, no Pai, no Filho e no Espírito Santo. “As três pessoas são um só Deus que a todos nós se entregou totalmente, com tudo que ele é e tem”⁵⁴. Ao “doar” corresponde o “levar” (*bringen*), no sentido de que o Espírito nos “leva a Cristo”⁵⁵. Assim, Lutero, em primeiro lugar, estava interessado na relação entre Deus, humanidade e toda a criação, uma relação estabelecida mediante o presente livre de Deus em Cristo e o Espírito, mediante o chamamento e a atração do Verbo e do Espírito. O Catecismo Maior resume o Credo da seguinte forma: “Creio em Deus Pai, que me criou; creio em Deus Filho, que me redimiui; creio no Espírito Santo, que me santifica”⁵⁶. A fé vem de Deus e sempre tem a ver comigo. Essa conexão entre Deus e o ser humano, em tese infinitamente diferentes, dá-se na pessoa do Cristo. *In abstracto*, a divindade de Deus impede que sofra, e a humanidade de Jesus de Nazaré impede que tenha poderes divinos. Contudo, na dimensão *in concreto* da pessoa do Cristo, é possível que uma natureza passe as suas características à outra⁵⁷. Lutero afirma, não por último no debate contra os reformados suíços e os Schwenckfeldianos (referindo-se a Gaspar von Schwenckfeld, 1489–1561, que entendia que a humanidade de Cristo tinha sido divinizada), a *communicatio idiomatum*, a comunicação dos atributos essenciais⁵⁸. Afirma Lutero: “Diz-se com razão: Este homem criou o mundo, e este Deus sofreu, morreu e foi sepultado”⁵⁹. Portanto, embora haja muito debate – e precariedade – quanto à exata compreensão dessa presença de Deus em Cristo, ela é confessada com firmeza e vista como produzindo um verdadeiro relacionamento entre Deus e o ser humano em termos da doação de Deus e da atração dos fieis para Deus.

Um terceiro momento é justamente que o *Cristo se relaciona com os crentes mediante a fé*. Há uma “troca alegre” ou “feliz” (*fröhlicher Wechsel*), como diz em seu tratado sobre a liberdade cristã (1520). A tradução para o português, feita a partir do latim, não contém essa expressão, presente na versão alemã⁶⁰. Trata-se da transferência dos pecados humanos, da sua morte e condenação para o Cristo e da graça e salvação de Cristo para os seres humanos, em uma analogia ao casamento, no qual tudo se compartilha, tanto as coisas boas quanto as más: “a alma é copulada com Cristo como a noiva com o noivo,

⁵³ Cf. SINNER, R. v. *Teologia pública num estado laico: ensaios e análises*, p. 201s.

⁵⁴ LUTERO, M. Da ceia de Cristo – Confissão [1528], p. 371.

⁵⁵ LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 452 (Catecismo Maior, sobre o Terceiro Artigo do Credo Apostólico).

⁵⁶ LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, p. 447 (Catecismo Maior, introdução sobre o Credo Apostólico).

⁵⁷ Cf. SLENCZKA, N. *Christus*, p. 381-392.

⁵⁸ LUTERO, M. Debate sobre a divindade e a humanidade de Cristo [1540], p. 277 (Segunda Tese).

⁵⁹ LUTERO, M. Debate sobre a divindade e a humanidade de Cristo, p. 277 (Quarta Tese).

⁶⁰ WA 7, 25, 34.

sacramento pelo qual [...] Cristo e alma são feitos uma só carne”⁶¹. E assim continua o texto: “Aqui se oferece o mais doce espetáculo não somente da comunhão mas também da salutar guerra e vitória, da salvação e redenção”⁶². Lutero faz referência à parênese matrimonial de *Ef* 5,21-33, bem como a *Os* 1-3. Em latim, a “troca alegre” se chama “*admirabile commercium*”, com conotações econômicas, que, hoje em dia, diante das indulgências modernas da teologia da prosperidade, preferimos evitar. A expressão “troca alegre”, saindo do poder do pecado para o poder do Cristo, pois ele assumiu o nosso pecado para si, soa bem melhor. De qualquer forma, nessa ênfase na união do ser humano pecador com o Cristo salvador está ecoando o discurso místico do Cristo em relação com a sua noiva, da “palavra” com a “alma”, que ocorre três vezes no texto de Lutero. Essa relação foi eternizada em plena beleza por Johann Sebastian Bach, no dueto da Cantata “Acordai, nos chama a voz” (*Wachet auf, ruft uns die Stimme*, BWV 140): “Meu amigo é meu”, canta a alma, e Jesus responde: “e eu sou teu”, e ambos cantam: “nada deveria dividir o nosso amor” (*die Liebe soll nichts scheiden*). Esse texto parte do Cântico dos Cânticos (2,16), também citado por Lutero: “O meu amado é meu e eu sou dele”⁶³. Esse lado místico de Lutero tendeu a ser subestimado. No intuito predominante de evidenciar Lutero como moderno e não medieval, outrossim como anti- ou, talvez, pós-católico, que enfrentou “o Romano” (den Römer), não se deu, como argumenta Volker Leppin, suficiente atenção ao enraizamento de Lutero na mística medieval⁶⁴. Importa prestar atenção à insistência de Lutero que a fé estabelece uma relação de Deus para conosco e nos transforma, e isso se desdobra em amor e serviço ao outro. Isso também se desdobra em um olhar em conjunto de católicos e luteranos sobre o Cristo, como vem acontecendo em 50 anos de diálogo bilateral, e com judeus e muçulmanos olhando por cima do nosso ombro, por assim dizer, explorando recursos interessantes para um diálogo ecumênico e inter-religioso instigante⁶⁵. Tendo em vista importantes documentos que foram emitidos a partir do diálogo bilateral, como a *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação* (1999) e o recente documento *Do Conflito à comunhão* (2015)⁶⁶, parece-me que temos boas perspectivas para mais controvérsias edificantes – ecumênicas e, na extensão, inter-religiosas.

REFERÊNCIAS

BARTH, Hans-Martin. A teologia de Martin Lutero num contexto global. Trad. Nelson Kilpp. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 123-144, 2007.

BARTH, Hans-Martin. *Dogmatik: Evangelischer Glaube im Kontext der Weltreligionen*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2008.

BARTH, Hans-Martin. *Die Theologie Martin Luthers: Eine kritische Würdigung*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2009, p. 49-63.

BAUSCHKE, Martin. *Der Sohn Marias: Jesus im Koran*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2013.

⁶¹LUTERO, M. Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, p. 442. Sobre a “troca feliz”, cf. BAYER, O. *A teologia de Martin Lutero*, p. 163-166.

⁶²LUTERO, M. Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, p. 442.

⁶³LUTERO, M. Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, p. 443.

⁶⁴Cf. LEPPIN, V. *Die fremde Reformation: Luther's mystische Wurzeln*, 2017.

⁶⁵Tal como se fez na ótima iniciativa de um *Simpósio Internacional 500 Anos da Reforma Luterana: Heranças e Desafios. Controvérsias Edificantes em Temas da Teologia, Filosofia e Sociedade*, realizado em 04-05 outubro de 2017, contando com participações e contribuições, sobretudo, de professores e pesquisadores da PUCRS e da Faculdades EST.

⁶⁶DECLARAÇÃO CONJUNTA SOBRE A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO. Declaração conjunta católica romana e Federação Luterana Mundial. Augsburg, 31 de outubro de 1999; DO CONFLITO À COMUNHÃO. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade, 2015.

- BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BERNHARDT, Reinhold. Desabsolutierung der Christologie? In: BRÜCK, Michael von; WERBICK, Jürgen (Hrsg.). *Der einzige Weg zum Heil? Die Herausforderung des christlichen Absolutheitsanspruchs durch die pluralistische Religionstheologie*. Freiburg: Herder, 1993. p. 184-200.
- BERNHARDT, Reinhold. Teologia da trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 58-72, 2004.
- BROSSEDER, Johannes. *Luthers Stellung zu den Juden im Spiegel seiner Interpreten: Interpretation und Rezeption von Luthers Schriften und Äußerungen zum Judentum im 19. und 20. Jahrhundert vor allem im deutschsprachigen Raum*. München: Hueber, 1972.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O cristianismo e as religiões*, n. 22, 1997. Disponível in: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1997_cristianesimo-religioni_po.html. Acesso em: 6 abr. 2019.
- DECLARAÇÃO CONJUNTA SOBRE A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO. Declaração conjunta católica romana e Federação Luterana Mundial. Augsburg, 31 de outubro de 1999. São Leopoldo – Brasília – São Paulo: Sinodal – CONIC – Paulinas, 1999.
- DO CONFLITO À COMUNHÃO. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade. Brasília – São Leopoldo: Edições CNBB – Editora Sinodal, 2015. Disponível in: https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/dtpw-from_conflict_to_communion_pt.pdf. Acesso em: 9 abr. 2019.
- DREHER, Martin N.; RIETH, Ricardo W.; WACHHOLZ, Wilhelm. *Somente Deus: quatro princípios para a vida*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- EHMANN, Johannes. “Seditio ad dexteram?” A apologética anti-islâmica trinitário-cristológica de Lutero. *Estudos teológicos*, v. 51, n. 1, p. 22-45. jan./jun. 2011.
- EHMANN, Johannes. *Luther, Türken und Islam: Eine Untersuchung zum Türken- und Islambild Martin Luthers (1515-1546)*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2015.
- EVANGELICAL LUTHERAN CHURCH IN AMERICA. *Declaration of the Evangelical Lutheran Church in America to the Jewish Community*, de 18 de abril de 1994. Disponível in: http://download.elca.org/ELCA%20Resource%20Repository/Declaration_Of_The_ELCA_To_The_Jewish_Community.pdf. Acesso em: 2 abr. 2019.
- FREY, Rebecca. The Gifts of God for the People of God: Luther’s Doctrine of the Trinity. *Lutheran Forum*, Delhi, NY, v. 28, n. 2, p. 26-31, 1993.
- GREGERSEN, N. et alii (eds.). *The Gift of Grace: The Future of Lutheran Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- HASSELHOFF, Görge K. Martin Bucer e os judeus. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 60-78, 2017. <https://doi.org/10.22351/et.v57i1.2953>
- HECKEL, Ulrich; KAMPMANN, Jürgen; LEPPIN, Volker; SCHWÖBEL, Christoph (Hrsg.). *Luther heute: Ausstrahlungen der Wittenberger Reformation*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017, p. 68-89.
- HELMER, Christine. God from Eternity to Eternity: Luther’s Trinitarian Understanding. *Harvard Theological Review*, Cambridge/MA, v. 96, n. 2, p. 127-146, 2003. <https://doi.org/10.1017/S0017816003000361>
- KAUFMANN, Thomas. *Luthers Juden*. Stuttgart: Reclam, 2015.
- KHALIDI, Tarif (org.). *O Jesus Muçulmano: provérbios e histórias na literatura islâmica*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

- LEPPIN, Volker. *Die fremde Reformation: Luther's mystische Wurzeln*. München: C. H. Beck, 2017. <https://doi.org/10.17104/9783406690822>
- LIVRO DE CONCÓRDIA. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Comissão Interluterana de Literatura. São Leopoldo; Canoas; Porto Alegre: Sinodal – Ulbra – Concórdia, 2016.
- LUTERO, Martin. *Magnificat: o louvor de Maria* [1521]. Aparecida – São Leopoldo: Editora Santuário – Sinodal, 2015.
- LUTERO, Martinho. Breve instrução sobre o que se deve procurar nos Evangelhos e o que esperar deles [1522]. In: *Obras Selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 2003. v. 8, p. 171-176.
- LUTERO, Martinho. Comentário da Epístola aos Gálatas [1535]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre – Canoas: Sinodal – Concórdia – Ulbra, 2008. v. 10, p. 22-557.
- LUTERO, Martinho. Da ceia de Cristo – confissão [1528]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 1993. v. 4, p. 217-375.
- LUTERO, Martinho. Da guerra contra os turcos [1529]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 1996. v. 6, p. 410-455.
- LUTERO, Martinho. Debate sobre a divindade e a humanidade de Cristo [1540]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 1992. v. 3, p. 277-299.
- LUTERO, Martinho. Exortação à oração contra os turcos [1541]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 1996, v. 6, p. 446-465.
- LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg [1518]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 1987. v. 1, p. 37-54.
- LUTERO, Martinho. Prefácio às Epístolas de S. Tiago e Judas [1546]. In: *Obras selecionadas*. São Leopoldo – Porto Alegre: Sinodal – Concórdia, 2003. v. 8, p. 153-155.
- LUTHER, Martin. *Verlegung des Alcoran Bruder Richardi, Prediger Ordens* [1542]. Verdeutscht und herausgegeben von M. Luther. WA 53, 261-396.
- LUTHER, Martin. *Vorrede zu Theodor Biblianders Koranausgabe* [1543]. WA 53, 561-572.
- LUTHER, Martin. *Martin Luther Werke: Kritische Gesamtausgabe*. Weimar: H. Böhlau Nachfolger, 1883ss.
- MÜLLER, Alois; SATTLER, Dorothea. Mariologia. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 2, p. 143-170.
- NÜSSEL, Friederike. Christologie. In: LEPPIN, Volker; SCHNEIDER-LUDORFF, Gury (Hrsg.). *Luther-Lexikon*. Regensburg: Bückle & Böhm, 2014. p. 143-147.
- O NOBRE ALCORÃO com a tradução do seu sentido para a língua portuguesa. Trad. Helmi Nasr (USP). Medina: Complexo do Rei Fahd para a impressão do Alcorão Nobre, s.d.
- OSTEN-SACKEN, Peter von der. *Martin Luther und die Juden – neu untersucht anhand von Anton Margarithas ‚Der gantz Jüdisch glaub‘ (1530/31)*. Stuttgart: Kohlhammer, 2002.
- RICHTER REIMER, Ivone. O *magnificat* de Maria no *magnificat* de Lutero. *Estudos de religião*, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 2, p. 41-69, 2016. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v30n2p41-69>
- SCHWÖBEL, Christoph. *Gott im Gespräch: Studien zur theologischen Gegenwartsdeutung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

SINNER, Rudolf von. Trinity. In: LAMPORT, Mark (ed.). *Encyclopedia of Martin Luther and the Reformation*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2017. v. 2, p. 772-774.

SINNER, Rudolf von. *Teologia pública num estado laico: ensaios e análises*. São Leopoldo: Sinodal, 2018.

SLENCZKA, Notger. Christus. In: BEUTEL, Albrecht (Hrsg.). *Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010. p. 381-392.

SMITH, Robert O. Prophecy, the Pope, and the Turk: Luther's Pastoral Apocalyptic. In: STJERNA, Kirsi; THOMPSON, Deanna A. (eds.). *On the Apocalyptic and Human Agency: Conversations with Augustine of Hippo and Martin Luther*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 7-18.

SOUZA, José Carlos de. O outro Jesus Muçulmano. Algumas notas a propósito do livro "O Jesus Muçulmano", de Tarif Khalidi. *Revista caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 1, p. 65-82, 2004. <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v9n1p65-82>

SPARN, Walter. Solus Christus als Kanon reformatorischen Christentums. In: HECKEL, Ulrich; KAMPMANN, Jürgen; LEPPIN, Volker; SCHWÖBEL, Christoph (Hrsg.). *Luther heute: Ausstrahlungen der Wittenberger Reformation*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017. p. 68-89.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

YOUNAN, Munib A. Para além de Lutero: diálogo inter-religioso profético pela vida. In: HELMER, Christine (org.). *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. Trad. Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal – EST, 2013.

Recebido em: 09/04/2019

Aceito em: 04/05/2019

Publicado em: 31/10/2019

Autor:

RUDOLF VON SINNER

Rede Sinodal, Faculdades EST, São Leopoldo, RS; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil. Stellenbosch University, Stellenbosch University, Faculty of Theology, Stellenbosch, África do Sul.

E-mail: rudolf.vonsinner02@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0487-4237>

✉ Endereço:

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prado Velho
80215-901, Curitiba, PR, Brasil